

“Sempre que ele (FHC) vai lá fora, fala errado sobre as coisas do Brasil. Fiz muita força para ele mudar; ele mudou um pouco, mas voltou a escorregar”

Antonio Carlos Magalhães,
presidente do Senado,
rebatendo críticas do presidente à CPI do Judiciário

“Duvido que o senador (ACM) tenha tido uma reação explosiva, porque isso não é do temperamento dele. A reforma (do Judiciário) e a CPI são importantes”

Fernando Henrique Cardoso,
presidente da República,
ironizando o temperamento de ACM

“A Igreja não fala só sobre anjos e almas. A CNBB pode e deve falar sobre a crise econômica. Eu prefiro o Fernando Henrique ateu”

Dom Mauro Morelli,
arcebispo de Nova Iguaçu (RJ),
em tréplica à réplica de FHC às críticas da CNBB

ACM e bispos atacam, FHC contra-ataca

Sob fogo cruzado, presidente usou da mesma munição de seus críticos: a ironia. Mas, com o senador baiano, tentou contemporizar

A briga continua, mesmo com um oceano entre eles. Para defender a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Judiciário, o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), voltou à carga contra o presidente Fernando Henrique Cardoso, que viaja pela Europa. O senador havia censurado declaração do presidente, feita na Alemanha, dizendo preferir a comissão de reforma do Judiciário, da Câmara, à CPI do Senado.

Antonio Carlos não só repetiu que Fernando Henrique quando viaja “fala errado sobre as coisas do Brasil”, como insinuou ter dado aulas de política ao presidente. “Fiz muita força para ele mudar; ele mudou um pouco, mas voltou a escorregar”, disse, renovando as lições: “Ele deve falar do Brasil, no Brasil, e, no exterior, sobre o que foi tratar lá”.

Da Europa, o presidente tentou encerrar a polêmica. Atribuiu tudo a um mal entendido e disse que CPI e reforma são importantes. Mas não resistiu à ironia: “Eu duvido que o senador Antônio Carlos te-

nha reação explosiva, não é do seu temperamento”.

Fernando Henrique também arrumou briga com a Igreja. Ele reagiu ao relatório da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) sobre a situação econômica. “Assim como não opino sobre os dogmas da Igreja, acho melhor que a Igreja não opine dessa maneira sobre os assuntos da economia.”

Os bispos não gostaram. Dom Ivo Lorscheider, arcebispo de Santa Maria (RS) e ex-presidente da CNBB, reagiu: “Essa atitude é muito parecida com a do general Garrastazu Médici. Durante o regime militar os governantes também diziam que a igreja não deveria se envolver em política”.

“A Igreja não fala só sobre anjos e almas. A Igreja não está na estratosfera. A CNBB pode e deve falar sobre a crise econômica, pois ela está afetando milhões de brasileiros sem emprego e sem comida para suas famílias. Eu prefiro o Fernando Henrique ateu”, ironizou o arcebispo de Nova Iguaçu, dom Mauro Morelli.